



Neurodiversidades e Psicodrama: perspectivas e caminhos

Gabriela Pereira Vidal¹

RESUMO

As neurodiversidades estão cada vez mais presentes em nossos consultórios de psicologia, mas ainda pouco aparentes na produção científica psicodramática. A teoria da neurodiversidade, propõe que as diferenças neurológicas são parte da diversidade humana de forma natural e não devem ser vistas apenas como doenças ou déficits. Além de teoria, a neurodiversidade é também um movimento político. Autismo, TDAH, altas habilidades e outras, não são apenas questões a serem corrigidas, mas variações naturais da forma como nossos cérebros funcionam e assim fazem parte da identidade das pessoas neurodivergentes. Assim, a partir dessa teoria e do modelo social da deficiência, compreendo que muitas dificuldades surgem também da falta de adaptação do ambiente e do preconceito social. O modelo social, foca em acessibilidade e inclusão, buscando transformar o contexto social para incluir, já o modelo médico, busca corrigir a pessoa, compreendendo que há uma disfunção que precisa de correção. Proponho com essa mesa redonda a discussão entre três profissionais atuantes com o público neurodivergente: altas habilidades, autismo e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Acredito que o psicodrama pode dialogar de forma potente com a neurodiversidade, por ser uma teoria que valoriza a singularidade das pessoas, sua identidade e os papéis sociais que desempenham. Além disso, o psicodrama tem em sua raiz uma perspectiva de inclusão de grupos historicamente excluídos por características relacionadas a sua identidade. Busco como resultado esperado uma construção entre os autores da mesa e o grupo participante sobre uma articulação entre psicodrama e neurodiversidades que não dê enfoque apenas às dificuldades, mas na valorização da diferença como potência, promovendo desenvolvimento emocional, social e identitário, através de reflexões clínicas e sistematizações

¹ Doutoranda em Psicologia e Psicodramatista Didata Supervisora, Universidade Federal de Santa Catarina e Viver Mais Psicologia. gabrielavidaal@gmail.com.



teóricas sobre as práticas realizadas. A mesa é um convite a uma revisão crítica de nossas práticas clínicas, que mesmo bem-intencionadas, podem atuar reforçando normativas neurotípicas de funcionamento

Palavras-chave: Neurodiversidade. Modelo Social da Deficiência. Psicodrama clínico.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



**Contribuições do Psicodrama no Acompanhamento de Pessoas com Altas
Habilidades/Superdotação**

Camila Canani Nunes²

RESUMO

² Mestre em Conhecimento, Prática e Patrimônio em Dança (Universidades Clermont Auvergne, Roehampton, Szeged e Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia), Psicodramatista nível I (IDH), pós-graduanda em Altas Habilidades/Superdotação (Instituto Sapiens) e Psicóloga (UFRGS); Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8213-3408>; e-mail: psi.camilacanani@gmail.com



Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) é uma condição neurodivergente definida na legislação brasileira a partir do modelo dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), sendo estes: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade. Apesar de ter ganhado mais visibilidade nas últimas décadas, a condição ainda é permeada por diversos mitos e falta de conhecimento de profissionais da saúde e da educação, dificultando sua identificação e acompanhamento. Não obstante sua facilidade e alta velocidade de processamento cognitivo, pessoas com AH/SD enfrentam diversos desafios emocionais e sobretudo sociais que requerem um olhar atento e sensível. É fundamental garantir a esta população adaptações em práticas estabelecidas para pessoas neurotípicas, evitando assim a perpetuação do apagamento e violentação de subjetividades neurodivergentes. A literatura psicodramática ainda apresenta escassos estudos sobre AH/SD, de forma que este trabalho visa discutir algumas características desta condição e resultados preliminares do acompanhamento psicoterapêutico psicodramático bipessoal de oito pacientes superdotados com diferentes idades. Estes foram realizados de maneira presencial e online, tendo como base as etapas e técnicas clássicas do Psicodrama clínico, ajustando-os ao funcionamento e necessidades específicos desta população. Conclui-se que é essencial atentar às particularidades neurocognitivas e emocionais de pacientes com AH/SD a fim de sustentar a espontaneidade no manejo clínico psicodramático e permitir a espontaneidade e autenticidade destes indivíduos.

Palavra-chave: altas habilidades; superdotação; neurodivergência; psicoterapia psicodramática.

1 INTRODUÇÃO

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) é uma condição neurodivergente definida na legislação brasileira a partir do modelo dos três anéis de Joseph Renzulli (1986), envolvendo habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade. No entanto, existem diversos modelos teóricos sobre AH/SD, o que evidencia a complexidade deste fenômeno heterogêneo, demonstrado por um conjunto de comportamentos e atitudes que vão se desenvolvendo de forma individual (SABATELA, 2012). De maneira geral, as AH/SD tem ainda como características: facilidade e ritmo avançado de aprendizado e capacidade avançada para resolver problemas, boa memória, curiosidade, ideias originais, flexibilidade de pensamento, gosto por desafios e rechaço a rotina e atividades repetitivas, perfeccionismo e sobre-excitabilidades (NEUMANN, 2024).

Este trabalho visa discutir algumas características desta condição e seu manejo clínico a partir do acompanhamento psicoterapêutico psicodramático bipessoal de oito pacientes superdotados com diferentes idades. Devido às especificidades de seu funcionamento neurocognitivo e emocional, é essencial atentar a estas particularidades e realizar adaptações nas intervenções dos papéis de direção e ego-auxiliar junto a pacientes superdotados.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



A superdotação é uma condição que ganhou maior visibilidade nas últimas décadas, no entanto, a literatura psicodramática ainda apresenta escassos estudos sobre a área. A falta de sua compreensão por parte de psicoterapeutas pode resultar no apagamento e violentação de subjetividades resultantes de um funcionamento neurológico diferenciado, ao qual não se deveriam aplicar conhecimentos fundamentados em populações neurotípicas e práticas convencionadas para estas. Existem muitos mitos disseminados sobre a condição de AH/SD, como que é um fenômeno raro e mais frequente no sexo masculino, além daqueles que perpetuam estereótipos como a ideia do/a gênio/a que sabe tudo, que não precisa de ajuda e que apresenta dificuldades sociais e emocionais significativas (SABINO & CARDOSO, 2025). Estes mitos dificultam não só a identificação da superdotação, mas também prejudicam seu processo de ensino-aprendizagem e o acompanhamento psicoterapêutico desses indivíduos. No Psicodrama clínico, por exemplo, o treino de papéis destes, se realizado levianamente, pode reforçar o mascaramento de (algumas de) suas características, levando a respostas conservadas sem autenticidade e ao sofrimento emocional.

2.2 Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar o potencial terapêutico do Psicodrama no acompanhamento de pessoas com AH/SD, a partir da experiência da autora com oito pacientes.

2.3 Metodologia

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



Este trabalho se baseia em um relato de experiência com pacientes superdotados em psicoterapia psicodramática bipessoal presencial e online, todos anonimizados. Os referidos pacientes possuem 10, 13 (2), 18, 28, 35, 36 e 46 anos. As sessões eram semanais e duravam aproximadamente 50 minutos. Normalmente, seguiam as etapas psicodramáticas (aquecimento, dramatização e compartilhamento) presencialmente, por vezes não havendo dramatização com cena, por vezes havendo mais de uma cena. A etapa de dramatização envolvia ocasionalmente o re-treino ou des-treino de papéis, a fim de quebrar as conservas aprendidas ao longo da vida para mascarar características da condição que diferenciam estes indivíduos e chamam a atenção alheia (GROSS, 1998). Nas sessões online, as dramatizações eram por vezes substituídas por jogos com os pacientes mais jovens. Os materiais utilizados foram variados: no consultório, incluíram almofadas, botões e pedras com diferentes formatos e cores, papel e lápis coloridos; na modalidade online dependia do que os pacientes tinham disponível em suas casas - canetas, cartas, bonecos, livros, músicas, etc. Foram utilizadas técnicas como átomo social, linha do tempo, concretização, maximização, duplo, espelho e inversão de papéis.

2.3 Benefícios previstos

O Psicodrama se mostra benéfico a pacientes superdotados especialmente por seu conceito de espontaneidade abranger adequação da resposta não só a nível social mas também subjetivo. Diante da necessidade de se adaptar a um mundo neurotípico, mesmo a paciente mais jovem (10 anos) já apresenta comportamentos de mascaramento/camuflagem. Neste sentido, o Psicodrama contribui para uma espécie de “destreino” de papéis, a fim de desaprender as conservas neurotípicas que geram sofrimento e (re)descobrir quem se é, vivendo com maior autenticidade.



Para as pacientes identificadas como superdotadas tardiamente (após os 18 anos), a realidade suplementar se mostrou de especial importância para trabalhar seu luto ao ver a vida em retrospecto, ressignificando um histórico de marginalização e microviolências, libertando-se de culpas e se empoderando a partir da escolha do quê fazer a partir do laudo, fortalecendo seu senso de protagonismo. Todavia, devido ao pensamento arborescente característico da superdotação (PROBER, 2016), seu protagonismo deve ser tratado de maneira diferente que com neurotípicos. Por exemplo, é comum que, devido a esse pensamento acelerado e não-linear, estes pacientes apresentem dificuldade em identificar sobre o que gostariam de falar ou dramatizar com maior foco nas sessões, especialmente nos casos de dupla condição com TDAH. Torna-se então necessário dar especial atenção aos iniciadores na etapa de aquecimento, trazendo estímulos diferenciados para auxiliá-los na conexão consigo mesmos e na tomada de decisão. Além disso, recursos como a concretização também os auxiliaram a externalizar seu mundo interno, compreender melhor suas mentes em constante (e simultâneas) atividade(s) e organizar esse pensamento arborizado.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



Conforme Bustos (1990), papéis com a mesma dinâmica relacional podem ser aglutinados em cachos ou clusters. O cluster 1 inclui papéis com dinâmicas de cuidado e acolhimento; o cluster 2 tem relação com autoridade, códigos sociais, agir no mundo; já o cluster 3 diz respeito às relações simétricas, entre semelhantes. Como indivíduos superdotados possuem uma discrepância intelectual de seus pares e uma intensidade emocional muito grande (CORREIA, 2022) que nem sempre é compreendida, os pacientes em questão relatam terem sofrido muita invalidação emocional e exclusão ao longo de suas vidas. Desta forma, mostrou-se de extrema importância, como terapeuta, utilizar-me de características típicas do cluster 1, especialmente para a construção do vínculo. Também tem sido importante cuidar com características de papéis do cluster 2 em função do perfeccionismo rígido apresentado por indivíduos superdotados (GRUGAN, MADIGAN *ET AL.*, 2021), o que pode reforçar sentimentos de inadequação e autocritica exacerbada.

A diversificação de recursos no Psicodrama tem se mostrado positiva, uma vez que o funcionamento natural de superdotados é movido por curiosidade e múltiplos interesses (AGRELA RODRIGUES, 2025) e que alguns destes indivíduos apresentam sobre-excitabilidades que dificultam sessões mais estáticas. O cuidado do mundo interno do paciente não trata apenas do conteúdo, mas também das formas que o/a paciente prefere se expressar e as que gostaria de desenvolver. O uso da ação permite e naturaliza flexibilidade e adaptação aos seus interesses, evitando o sentimento de tédio frequentemente experimentado por estes indivíduos quando não intelectual e afetivamente engajados.



Outro aspecto importante é o foco no potencial de saúde do indivíduo. Pessoas superdotadas possuem uma assincronia entre sua maturidade cognitiva e a emocional (VIRGOLIM, 2021) e possuem, como outras neurodivergências, os chamados “perfis pontiagudos”, apresentando déficits em alguns aspectos muito contrastantes com competências aprimoradas em outros (DOYLE, 2024). Assim, suas dificuldades muitas vezes são estruturais e trabalhar apenas suas competências criaria uma lacuna ainda maior entre suas habilidades cognitivas e emocionais.

Os resultados preliminares apontam para sentimentos de apreço e alívio dos pacientes por se sentirem não só escutados e compreendidos nas suas singularidades, mas também estimulados pela criatividade possibilitada pelas técnicas psicodramáticas, diferenciando-se de outros modelos de terapia que já haviam experimentado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que é fundamental para quem atende indivíduos superdotados compreender profundamente as particularidades de seu funcionamento a fim de evitar efeitos iatrogênicos, especialmente quando a identificação desta condição se deu tardiamente e a pessoa chega ao consultório com sofrimento emocional e até mesmo transtornos decorrentes de uma vida de incompreensão própria e alheia. Por não se tratar de uma doença, as AH/SD não requerem o tratamento e cura de sintomas, mas intervenções psicoeducativas para estas pessoas entenderem melhor seu funcionamento e desenvolverem uma maior autocompaixão e - tendo a terapeuta como ego-auxiliar - as ferramentas necessárias para lidar melhor com seus potenciais, dificuldades e expectativas alheias.



REFERÊNCIAS

- AGRELA RODRIGUES, F. de A.** Traços universais de identificação da superdotação: análise científica abrangente. **Ciência Latina Revista Científica Multidisciplinar**, v. 9, n. 4, p. 7254-7271, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v9i4.19325. Acesso em: 4 fev. 2026.
- BUSTOS, D. M.** *Perigo... Amos à vista! Drama e psicodrama de casais*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 1990.
- CORREIA, G. B.** *O autoconceito de estudantes com altas habilidades/superdotação na vivência da adolescência*. São Paulo: Dialética, 2022.
- DOYLE, N.** Defining neurodiversity and identifying neurominorities. In: PATTON, E.; SANTUZZI, A. M. (org.). **Neurodiversity and work**. Cham: Palgrave Macmillan, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-031-55072-0_2. Acesso em: 4 fev. 2026.
- GROSS, M. U. M.** The “me” behind the mask: intellectually gifted students and the search for identity. **Roeper Review**, v. 20, n. 3, p. 167-174, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02783199809553885>. Acesso em: 4 fev. 2026.
- GRUGAN, M. C.; HILL, A. P.; MADIGAN, D. J. et al.** Perfectionism in academically gifted students: a systematic review. **Educational Psychology Review**, v. 33, p. 1631-1673, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10648-021-09597-7>. Acesso em: 4 fev. 2026.
- NEUMANN, P.** *A sobre-excitabilidade na superdotação: contribuições de Kazimierz Dąbrowski*. [S. l.]: Apprehendere, 2024.
- PROBER, P.** *Your rainforest mind: a guide to the well-being of gifted adults and youth*. Boulder: GHF Press, 2016.
- RENZULLI, J. S.** The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: RENZULLI, J. S.; REIS, S. M. (org.). **The triad reader**. Mansfield Center: Creative Learning Press, 1986. p. 2-19.
- SABINO, W. dos S.; CARDOSO, M. B. da C.** Mitos sobre superdotação que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem de alunos com AHSD. **Revista Acadêmica Online**, v. 11, n. 58, e1608,

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



A psicoterapia psicodramática como abordagem de intervenção da pessoa com TEA

Débora Alessandra de Souza³

RESUMO

O Psicodrama como abordagem tem no cerne de sua teoria instrumentos que favorecem a reorganização emocional, comportamental e cognitiva do indivíduo no TEA, trata-se de um campo teórico onde a espontaneidade, a criatividade são canais que favorecem o desenvolvimento das habilidades sócioemocionais e estimula a flexibilidade cognitiva da pessoa com esse transtorno. Ciente que as dificuldades em torno da gestão emocional e relacional se fazem presentes e, que a rigidez cognitiva é um aspecto que compõe o diagnóstico, o psicodrama respeita a subjetividade do sujeito, olhando-o não somente pelo diagnóstico, mas por esse homem múltiplo, que exerce diversos papéis na sociedade e tendo como um dos papéis o ser autista. Por isso, temos como objetivo evidenciar a importância do psicodrama, frente as questões do TEA, estimulando, desenvolvendo e trabalhando a espontaneidade e a criatividade como forma de lidar com os fenômenos globais que afetam a pessoa com transtorno. Justifico a importância de apresentar esse trabalho, devido a precariedade de relatos e pesquisas na abordagem psicodramática.

A metodologia tendo como base a Matriz de identidade favorecendo o jogo de papéis, em psicodrama,

Este trabalho tem como objetivo a estimulação e identificação da criatividade e da espontaneidade dentro dos atendimentos das pessoas no TEA, utilizando instrumentos que dialogam com o transtorno. Destas diferentes formas o diretor poderá abrir caminhos para que a força propulsora da criatividade e espontaneidade possa ir na direção da adequação gerando respostas novas para comportamentos antigos e emoções conservadas que possam ser reeditadas, favorecendo com isso, a flexibilidade cognitiva, gestão emocional e promovendo as habilidades socioemocionais.

Palavras-chave: Psicodrama. Autismo.. Espontaneidade. Criatividade. Habilidades socioemocionais.

³ Mestre no Ensino da Saúde e do Meio ambiente (ANHANGUERA), Psicodramatista Didata em Formação Nível II (IMPSI), Psicóloga (Faculdade Maria Thereza - FAMATH), Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4265-2881>, email: deboraalesouza@gmail.com



1. Introdução

O TEA (transtorno do espectro autista) afeta aproximadamente 1% da população. É o termo usado para descrever uma gama de déficits de comunicação social que aparecem precocemente, além de comportamentos sensório-motores repetitivos associados a um forte componente genético, bem como a outras causas (Cardoso e Nogueira, 2021, p.53).

Observa-se a complexidade vivenciada pela pessoa com autismo. É difícil não gerar uma inquietude, e reflexão quanto a forma única de intervenção com evidências científicas que é propagada para a melhoria da condição de vida da pessoa autista.

Destaca-se a afirmação mencionada por Orrú (2024,p.11) que diz :

Quão é indispensável investirmos em saberes mais conciliadores que não reduzam o ser humano a determinações biológicas/genéticas nem o algemem a estruturas psíquicas, muito menos o definam por um diagnóstico médico pautado no déficit, naquilo que falta. Não é possível universalizar o autismo, tendo em vista sua complexa multiplicidade. Todos somos mais do que o diagnóstico, muito mais do que uma condição clínica, seja ela qual for.

Visualiza-se o Psicodrama como abordagem promissora no atendimento a pessoas no TEA, pois possui como premissa, o uso dos dispositivos da espontaneidade e criatividade, como canais que favorecem o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, gestão emocional e relacional, estimula a autorregulação e flexibilidade cognitiva.

O Psicodrama tem no cerne de sua teoria instrumentos que favorecem a reorganização emocional, comportamental e cognitiva do indivíduo no TEA, respeitando sua subjetividade, olhando para o indivíduo com uma vivência indeterminada, um homem indeterminado no aqui e agora, onde o *locus nascendi* do indivíduo não se constitui somente pelo diagnóstico, mas



por esse homem múltiplo, que exerce diversos papéis na sociedade e tendo como um dos papéis o ser autista, pois para “cada sessão psicodramática é uma experiência existencial e pode fornecer informações fundamentais para uma teoria da existência” (Almeida, 2006, p. 14).

Objetiva-se evidenciar a importância do psicodrama, frente as questões do TEA, estimulando, desenvolvendo e trabalhando a espontaneidade e a criatividade como forma de lidar com os fenômenos globais que afetam a pessoa com transtorno. A partir do momento que se estuda as diferentes nuances da pessoa no Transtorno do espectro autista (TEA), entende-se a importância de termos uma abordagem que compreenda o sujeito, decorrentes da unicidade presente em cada ser e na maneira pela qual o transtorno se manifesta em cada indivíduo.

O Psicodrama fornece, instrumentos indispensáveis para favorecer o desenvolvimento emocional e comportamental do indivíduo no TEA. O palco é um espaço no qual ele poderá experimentar, vivenciar e apresentar suas limitações e potencialidades, sendo visto como único, como sua forma de existir no mundo sem que preconceitos e rótulos cerceiem o seu protagonismo, dando voz ao seu comportamento, e assim, o indivíduo poderá ressignificar, sua forma de ser no mundo, reinventando, revivendo, revendo, repetindo cenas não vividas, pensadas e as que ainda não foram alcançadas.

2. Objetivo

Objetiva-se evidenciar a importância do psicodrama, frente as questões do TEA, estimulando, desenvolvendo e trabalhando a espontaneidade e a criatividade, como forma de lidar com os o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, gestão emocional e relacional, autorregulação e flexibilidade cognitiva.

3. Fundamentação Teórica

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



O Psicodrama abre caminhos para o “como se”, e por construir possibilidades de quebrar as conservas culturais a partir da ação, promove caminhos para o resgate da espontaneidade e da criatividade. Nessa vertente, vemos o psicodrama como a ciência que explora a “verdade” por métodos dramáticos (Moreno, p.61, 2017).

As reações e atitudes, do ato criador da pessoa no TEA ficam conservadas, impedindo assim, respostas novas para situações antigas ou se deparam com impedimentos de se tornarem espontâneos frente às situações novas. Apresentam dificuldades para criar repertórios comportamentais adequados frente a situações antigas e respostas novas no processo de socialização, apresentando rigidez cognitiva, dificuldade para lidar com o social, alteração nas funções executivas e outros.

O Psicodrama se torna relevante, na construção desse vir a ser do indivíduo, pois geralmente na sociedade, a pessoa com TEA é vista pelas suas limitações e não pelas suas potencialidades. No projeto de papéis encontramos as noções de possibilidade, potencialidade e crescimento (Almeida, p.61, 2006). Mas, nos deparamos com uma produção teórica precária, com poucas pesquisas e artigos em psicodrama versando a respeito do assunto, o que limita a validação do campo teórico. Confirmamos esse aspecto a partir do que Costa, Diniz e Viana (2022), mencionam em sua pesquisa:

Realizamos uma busca sistemática por produções brasileiras que apresentassem experiências com o TEA e o psicodrama. (...) Utilizamos como descritores os termos “psicodrama”, “autismo” e “transtorno do espectro autista”. Porém nenhum artigo foi encontrado como resultado. Essa busca evidencia, portanto, uma baixa produção sobre o tema e indica também que poucos psicodramatistas parecem ter experiência nesses casos. O que dificulta a atuação, pois não foram encontrados estudos anteriores que embasem intervenções à luz do psicodrama.

Evidencia-se a necessidade de gerar estudos, pesquisas e instrumentos que validem o psicodrama como abordagem de intervenção nos casos de Autismo.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



Nesse sentido, o autismo deve ser compreendido como uma condição que é permanente na pessoa, contudo, também é flutuante dentro de seus próprios níveis que foram estabelecidos pela comunidade médica. Isso quer dizer que a pessoa que se encontra em um nível 2 (moderado), em razão das dificuldades e inabilidades que apresenta, pode vir a desenvolver essas habilidades parcial ou totalmente e necessitar de menos suporte, o que a des-localiza, processualmente (não automaticamente), para o nível 1 (leve) de autismo. No entanto, uma pessoa com diagnóstico de autismo N1 pode ter dificuldade e habilidades diferentes de outra pessoa com o mesmo diagnóstico, ou seja, não existe nenhuma pessoa com autismo igual a outra. (...) Por isso, é tão importante que todos tenham acesso aos serviços de apoio conforme suas demandas (ORRÚ 2024, p.124).

O profissional não deve, em seu trabalho, focar no transtorno e esquecer da criança em si. Ou seja, além do transtorno, é essencial que os responsáveis vejam, com clareza, a dimensão do repertório do seu filho tanto das habilidades adquiridas quanto das que necessitam de estimulação (CASTRO 2024, p.54).

O Psicodrama é ação. É a ação da mente e da interpsique. É a busca da verdade presente no desempenho de papéis e nos elementos do vínculo: corpo, percepção, afetividade, cognição e comunicação (NERY, 2018. p.195). Por isso, evidencia-se uma contribuição significativa para os casos de transtorno.

4. Metodologia

O trabalho tem como base as etapas da matriz de identidade, para desenvolver a espontaneidade e a criatividade, onde o sujeito pode ser quem ele é, sem que o diagnóstico esteja à frente da sua subjetividade.

O modelo de atendimento no psicodrama para o atendimento das pessoas no TEA, revela-se

Interessada na natureza, na condição, no psiquismo e no comportamento do ser humano, e a prática desenvolvida no campo de ação, com diversificadas técnicas, existe um fator de articulação que nos permite perceber aprender, analisa e compreender



fenômenos e fatos ocorridos, dando-nos clareza e suficiência para ordenar o pensamento, inspirar os sentimentos, objetivar o ânimo e processar o fazer psicoterápico: é o método (ALMEIDA, 2006, p.18).

O Psicodrama tem como proposta trabalhar com suas etapas : aquecimento, dramatização (jogos dramáticos, objetos intermediários), e compartilhar (através comunicação verbal e não verbal, com música, desenho, expressões físicas, com combinados para o próximo atendimento).

A Matriz de identidade: conforme Moreno , criador da expressão, “é a placenta social da criança, o locus onde se prende. Em outras palavras, é o meio sociofamiliar em que a criança se insere ao nascer. Esse meio é o que lhe atende em suas necessidades fisiológicas, psicológicas e relacionais, influenciando seu desenvolvimento por etapas por meio do desempenho de papéis (ALMEIDA, 2026, p.18).

5. Resultados Esperados

A proposta de intervenção com pessoas no TEA, tendo como base a Matriz de identidade por meio das fases do desenvolvimento de papéis, possibilitando a evolução do indivíduo, pois além de enxergar a sua subjetividade, favorece, uma evolução das habilidades socioemocionais, gestão emocional e relacional, autorregulação e flexibilidade cognitiva, ampliando suas possibilidades de ação no mundo através das etapas da Matriz de identidade, do estímulo da espontaneidade e criativa, propiciando a quebra de conservas e maior adequação no mundo.

6. Referência

ALMEIDA, Wilson Castello. Psicoterapia aberta. São Paulo: Àgora, 2006.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



CARDOSO, Amélia Cardoso. NOGUEIRA, Maria Luiza. Atenção Interdisciplinar ao autismo. Belo Horizonte: Ampla, 2021.

CASTRO, Thiago. Simplificando o autismo. 2 ed. São Paulo: Literare Books, 2024.

COSTA, Luiza Lins Araújo.; DINIZ, Fernanda Cristina de Oliveira Ramalho.; VIANA Sanches Max Jesus. Psicodrama com crianças dentro do transtorno do espectro autista: uma experiência possível? Revista brasileira de Psicodrama. Rev. Bras. Psicodrama, São Paulo, v30, e1722, p.1-12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.583>. Acesso em: 01. Fev de 2026.

.

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

NERY, Maria da Penha. Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas. São Paulo: ed. Ágora, 2014.

ORRÚ, Silvia Ester, O autismo em meninas e mulheres. Petrópolis: ed. Vozes, 2024.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



**Role-taking, role-playing e role-creating no desenvolvimento
socioemocional de pessoas com TDAH**

Daniel Russell Oliveira⁴

RESUMO

Cada vez mais, o Transtorno do Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH) tem sido discutido nas ciências humanas, sociais e da saúde por apresentar desafios que ultrapassam os aspectos atencionais ou comportamentais. Pacientes com esse diagnóstico convivem diariamente com exigências sociais constantes, relacionadas ao desempenho, à organização e ao autocontrole, o que acaba gerando conflitos internos, sofrimento emocional e dificuldades nas relações interpessoais. Nesse sentido, torna-se necessário pensar em intervenções que considerem o indivíduo em sua totalidade, incluindo experiências, vínculos e modos singulares de se relacionar com o mundo. Este trabalho, portanto, visa evidenciar o psicodrama e as fases do desenvolvimento de papéis como possibilidades de cuidados clínicos e pedagógicos no acompanhamento de pessoas com TDAH. Destaca-se que o objetivo não é focar na correção de comportamentos, mas sim propor, dispositivos de ação, a construção de novos papéis e respostas frente às fragilidades provocadas pelo TDAH. Assim, reforça-se a necessidade da utilização do Psicodrama no manejo do TDAH, pois sua finalidade é contribuir para o fortalecimento da autonomia, da criatividade e da flexibilidade nas relações, em que a/o paciente é auxiliada/o no desenvolvimento de ações mais saudáveis para lidar com suas demandas pessoais, sociais e emocionais.

⁴ Mestrando em Artes da Cena (ESCH); Terapeuta Cognitivo - Comportamental, Psicodramatista Didata em Formação Nível II (Viver Mais Psicologia) e Psicólogo (Universidade Santa Úrsula - USU); Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6759-9646>; e-mail: psidanielrussell@gmail.com



Palavras-chave: Intervenção Psicoterapêutica; Aprendizagem Experiencial; Saúde Mental; TDAH.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Hesslinger et al. (2021), as consequências que os sintomas do TDAH provocam não estão relacionadas à ausência de capacidade, mas sim à dificuldade que o indivíduo apresenta para regular as emoções, sustentar as frustrações e lidar com os conflitos cotidianos. Nesse contexto, Medeiros et al. (2025) apontam que essas objeções são contínuas e, quando não trabalhadas, acabam enfraquecendo o desenvolvimento e a identidade da pessoa com TDAH, gerando sensações de inadequação, de desvalorização e de fracasso.

Por estes motivos, Souza e Silva (2021) destacam que o trabalho com pacientes com TDAH deve ser disseminado como um laboratório de aprendizagem das habilidades emocionais, cognitivas, comportamentais e sociais, as quais formam o repertório das funções socioemocionais. Em concordância, Nascimento (2023) enfatiza que o manejo precisa ir além da cognição, isto é, a autora ressalta a necessidade de incorporar uma abordagem que possa promover uma preparação de forma experiencial, que proporcione um espaço no qual a/o paciente consiga vivenciar, testar e reconstruir as maneiras de agir e de se relacionar.

Na teoria Moreniana, o indivíduo é compreendido a partir dos papéis que desempenha nas diferentes áreas da vida, visualizando como esses papéis são assumidos, exercidos e como podem ser recriados. Nesse cenário, o trabalho psicodramático com pessoas com TDAH pode ser direcionado por meio das fases do desenvolvimento de papéis, utilizando o *role-taking*, *role-playing* e o *role-creating* para que as/os pacientes possam aprender, praticar e aplicar as habilidades socioemocionais nas diferentes situações do dia a dia (Nascimento, 2023).

2. OBJETIVO

Dessa forma, o presente trabalho visa evidenciar o Psicodrama como uma metodologia ativa que vai além do diagnóstico, que visa não só compreender o impacto dos sintomas do



TDAH, mas propiciar para o indivíduo um território psicoterapêutico que possa contribuir com a aprendizagem e com o desenvolvimento de novas respostas, mais flexíveis e adaptativas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa mesma perspectiva, Moreno (1975) reforça que os papéis são resultados das interações relacionais e sociais, portanto o conceito de papel é distinguido por ele como a unidade funcional da personalidade. Isso significa que as aprendizagens absorvidas nos espaços aos quais os indivíduos estão inseridos são incorporadas nos papéis psicossomáticos (emocionais) e sociais (comportamentos e condutas) que serão interpretados ao longo da vida.

Na terapia cognitivo-comportamental, as distorções cognitivas são interpretadas como padrões aprendidos a partir das crenças centrais, padrões que, para a/o paciente, servem como estratégias de segurança para lidar com o problema (Beck, 2021). No psicodrama, esses padrões podem ser identificados como papéis que a pessoa internaliza como uma forma de sobrevivência, como uma lógica afetiva de conduta, como aponta Nery (2014, p. 18), ao enfatizar que essas lógicas “são as marcas afetivas que influenciam a cognição e a conduta”.

Ou seja, se essa pessoa com TDAH passa toda a infância ouvindo da mãe, do pai e das/os professoras/es sinônimos negativos em relação à sua capacidade, é bem provável que, ao crescer, essa pessoa atue, com ela mesma, no papel de “cobradora interna”, absorvido no convívio com essas relações, como afirmam Corado et al. (2024), ao ressaltarem que o indivíduo com o transtorno é cotidianamente afetado por não conseguir atingir a produção que o meio exige.

Essas lógicas são construídas por meio dos rótulos negativos e pejorativos que são distribuídos às pessoas com TDAH por não conseguirem entregar determinadas ações e comportamentos que são idealizados por outras pessoas como um padrão universal. Portanto, destaca-se que as dificuldades executivas que as/os pacientes com o transtorno apresentam são interpretadas pelas pessoas não como uma diferença neurofuncional, mas como desleixo, falta de esforço e até mesmo irresponsabilidade (Corado et al., 2024).

4. METODOLOGIA

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



Diante disso, como forma de auxiliar a/o paciente na identificação dos padrões de comportamentos automáticos e cristalizados, para que possa inserir condutas mais espontâneas e criativas, utilizam-se as fases do desenvolvimento dos papéis para que o indivíduo consiga aprender, testar e aplicar novas respostas diante dos desafios do TDAH.

Essas fases foram denominadas por Moreno (1975) de *role-taking*, *role-playing* e *role-creating* que, de acordo com o autor, são as etapas para a construção de um novo papel. No *role-taking* (tomada do papel), por exemplo, a pessoa com TDAH é convidada a visualizar os padrões cristalizados que foram internalizados, isto é, impulsionada a identificar os roteiros aos quais foram herdados.

No *role-playing* (jogar o papel), cria-se no *setting* psicodramático um laboratório de habilidades socioemocionais em que a pessoa é estimulada a ensaiar, no espaço terapêutico, formas de como agir diante das fragilidades ocasionadas pelo TDAH. Já no *role-creating* (desempenho do papel), as fases anteriores são consolidadas, no qual ocorre a transposição do ensaio para a vida cotidiana. Vale ressaltar que o objetivo dessa etapa não está relacionado à repetição de um roteiro decorado, mas na propiciação da aprendizagem de respostas mais espontâneas, criativas e adaptativas (Moreno, 1975).

5. RESULTADOS ESPERADOS

Dessa forma, destaca-se que a proposta do manejo com pessoas com TDAH por meio das fases do desenvolvimento de papéis não é impulsionar a atuação de um papel, mas promover um espaço para que esse papel se torne parte da vida dos indivíduos de modo natural, onde as habilidades socioemocionais possam ser integradas.

Assim, conclui-se que, com a utilização desses recursos, a pessoa começa a aplicar o que foi aprendido no processo psicoterápico de modo criativo e adequado a cada contexto, ampliando o repertório e incorporando respostas mais espontâneas aos roteiros que foram projetados sobre si.

REFERÊNCIAS



BECK, Judith S. Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

CORADO, A. M. C.; ALVES, G. C. M.; HANNUM, J. S. S.; JACOB, N. A. S.; GONZAGA, A. T. S. TDAH na vida adulta: implicações do diagnóstico tardio. *Revista UniAraguaia*, v. 19, n. 3, p. 269–276, 2024. Disponível em: <https://sipe.uniaraguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/1461/1168>. Acesso em: 31 jan. 2026.

HESSLINGER, B.; PHILIPSEN, A.; RICHTER, H. Manual de psicoterapia para adultos com TDAH. Göttingen: Hogrefe, 2021.

MEDEIROS, A. M. T.; PEREIRA, K. L. T.; CAVALCANTI, R. S.; SANTOS, S. D. L.; GOMES, M. S. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em crianças e adolescentes: terapias cognitivo-comportamentais. *Revista Caderno Pedagógico*, v. 22, n. 11, p. 1–18, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n11-286>. Acesso em: 31 jan. 2026.

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

NASCIMENTO, Alda Nazaré Santos do. O psicodrama como recurso pedagógico para aprendizagem e desenvolvimento humano. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4934>. Acesso em: 31 jan. 2026.

NERY, Maria da Penha. Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas. São Paulo: Editora Ágora, 2014.

SOUZA, Vanessa Silva de; SILVA, Diego da. Técnicas utilizadas para o tratamento do transtorno de déficit de atenção e/ou hiperatividade (TDAH) na terapia cognitivo-comportamental (TCC). *Journal of Research in Humanities and Social Science*, v. 9, n. 8, p.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



33–40, 2021. Disponível em: <https://www.questjournals.org/jrhss/papers/vol9-issue8/Ser-5/G09083340.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2026.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026